

JORNAL

Centro de Estudos LUIS GUEDES

Departamento de
Psiquiatria e Medicina
Legal da Universidade
Federal do Rio Grande
do Sul, Hospital de
Clínicas de Porto Alegre
Julho de 2026
Ano 37 • Nº 97



JORNAL DO CENTRO DE ESTUDOS LUIS GUEDES

Rua Ramiro Barcelos, 2350 – 2º andar - Sala 2218.
CEP: 90035-903. Porto Alegre - RS.
Telefones: 51 3359.8416 / 51 99997.9085.
Site: www.celg.org.br.

DIRETORIA

Presidente: Ana Margareth Siqueira Bassols
Vice Presidente: Simone Hauck
Diretora Administrativa: Victor Mardini
Diretora Financeira: Virginia de Oliveira Rosa
Diretor Científico: Marco Antonio Caldieraro
Diretor de Divulgação: Caroline Buzzatti
Diretor de Publicações: Félix Henrique Paim Kessler
Diretor de Ensino: Fábio Brodacz
Diretora de Normas e Regulamentos: Lisieux Elaine de Borba Telles
Diretor de Tecnologias: Alexandre Annes Henriques
Diretora de Cultura e Relações com a Comunidade:
Vivian Peres Day
Diretor de Assistência Clínica: Fabio Montano Wilhelmsr

ADMINISTRAÇÃO

Supervisora Administrativa: Patricia Lopes Azambuja
(plazambuja@hcpa.edu.br)
Bibliotecária e Secretária da Revista: Maria Luiza Farias de Campos
(mcampos@hcpa.edu.br | rbpsicoterapia@gmail.com)
Assistente Administrativa (Cursos): Mylena Abreu Gonçalves
(mygoncalves@hcpa.edu.br) .

JORNAL - jornal@celg.org.br

Editoras do Jornal: Mariana Torres, Fernanda Crestana,
Paula Saffer, Carolina Campos e Dionela Toniolo
Revisão: Gustavo Czekster
Jornalista Responsável: Vera Nunes (MTb 6198)
Diagramação e projeto gráfico: Carolina Fillmann,
por Design de Maria (www.designdemaria.com.br)
Capa: Freepik
Imagens da Edição: divulgação e Freepik.

SUMÁRIO

PALAVRA DA PRESIDENTE	3
JORNADA	4
DIÁLOGOS URGENTES	5
ARTIGO	7
ENTREVISTA	10
FILME	14
SÉRIE	16
LIVRO	18
DIVULGAÇÃO	20

PALAVRA DA PRESIDENTE

Nesse momento, na reta final para a JORNADA CELG 2026, estamos comprometidos com a sua realização dentro do clima de parceria e criatividade que nos caracteriza.

A proposta é que os nossos colegas e sócios aceitem o convite de subir a serra gaúcha em setembro para um reencontro científico, mas especialmente afetivo, em Garibaldi (RS).

Como já divulgado, a edição de 2026 acontecerá de forma presencial no moderno e acolhedor Hotel Plaza Convention Bureau, entre os dias 10 e 12 de setembro. Será um ambiente novo para nos encontrarmos, rodeados pela beleza do Vale dos Vinhedos, onde ocorrerão nossas atividades científicas. Contaremos com muitos palestrantes e temas atuais relacionados aos desafios da IA, que atravessam a prática clínica e o cotidiano. Além das salas de aula, nossos momentos de integração em meio às paisagens e vinícolas de Garibaldi serão o cenário perfeito para rever amigos e expandir a rede de contatos profissionais.

Para começar, na “Sessão de abertura”, na quinta-feira, às 19 horas, contaremos com as conferências de dois renomados professores, o Prof. Dr. José Roberto Goldim e o Prof. Dr. Jaderson Costa da Costa, abordando os temas “Controvér-

sias éticas com a introdução das novas tecnologias, as psicoterapias e os direitos dos pacientes”e “Habilidades preditivas da inteligência artificial e a complexidade do cérebro/mente humana”, respectivamente.

Além deles, a programação científica já conta com a confirmação de muitos convidados que irão contribuir com seu conhecimento e experiência.

A psicanalista Alessandra Lemma, da Sociedade Psicanalítica Britânica (BPAS), é uma das ilustres palestrantes internacionais confirmadas para a Jornada. Ela participará de forma on-line, abordando o tema «Como a sexualidade se expressa na era digital?» e debatendo com o também psicanalista José Carlos Calich, analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

O programa dos cursos e mesas-redondas também irá tratar de temas atuais em várias áreas da psiquiatria e da psicologia, em conexão com os desafios impostos pela IA hoje e no futuro.

Uma dessas mesas diz respeito à violência contra as mulheres, que está se tornando um fenômeno global e envolvendo milhões de

CONTAREMOS COM MUITOS PALESTRANTES E TEMAS ATUAIS RELACIONADOS AOS DESAFIOS DA IA, QUE ATRAVESSAM A PRÁTICA CLÍNICA E O COTIDIANO.

personas em todo o mundo. Esse cenário reforça a condição de desigualdade social que, historicamente, relegou as mulheres a uma posição subordinada dentro de uma estrutura de discriminação. Precisamos entender como, em uma sociedade na qual os mundos on-line e off-line estão cada vez mais interligados, as plataformas digitais produzem e disseminam conteúdos que perpetuam essas assimetrias — o que pode impactar a cultura e, indiretamente, fomentar a violência de gênero.

Certamente temos muito a aprender e a brindar: nossa história, nossa amizade, nossos afetos, nosso conhecimento e um futuro pleno de desafios.

Esperamos por vocês na serra gaúcha!

Grande abraço da Presidente
Prof. Dra. Ana Margareth Bassols



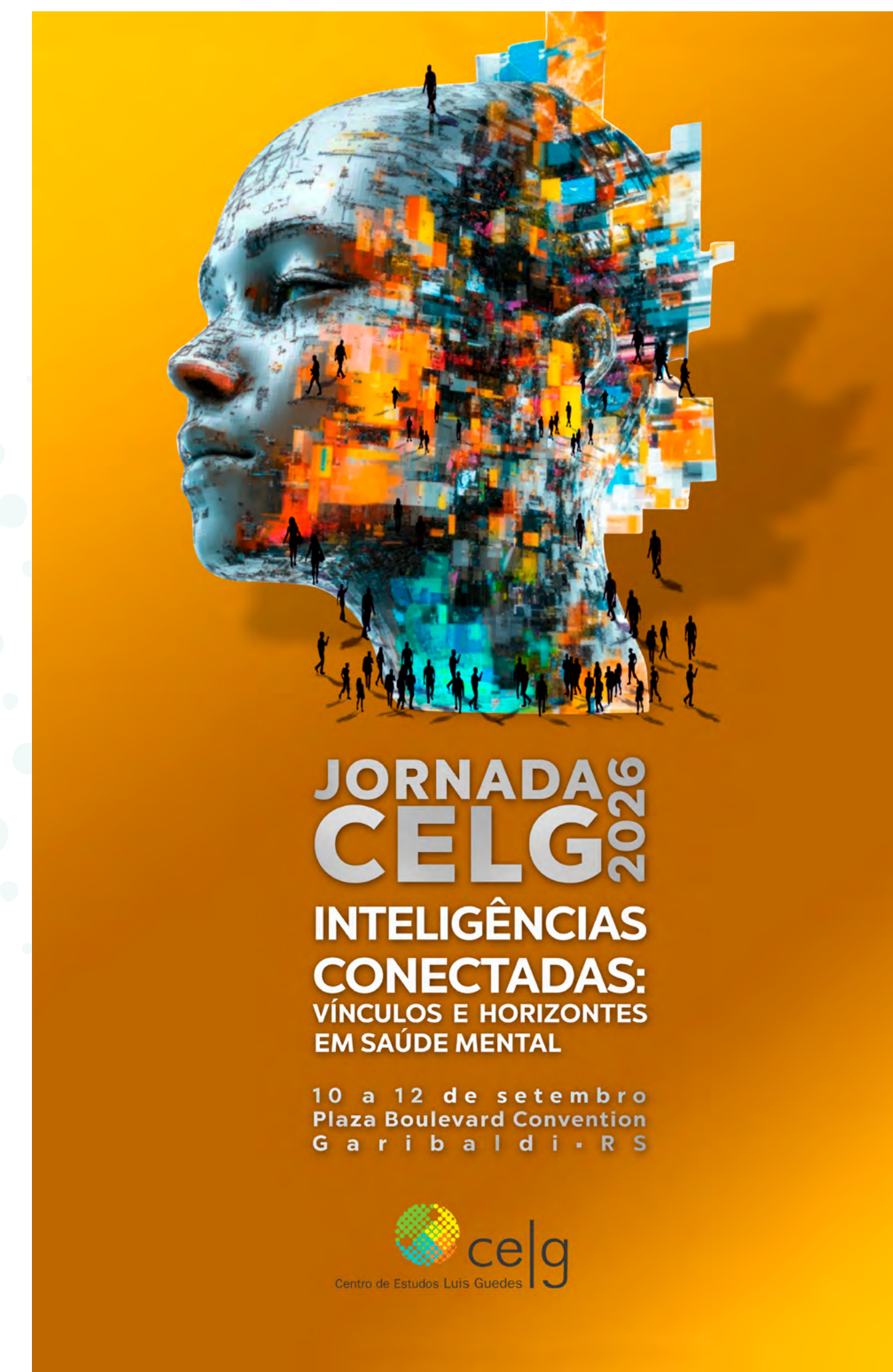
ANA MARGARETH BASSOLS

Presidente do CELG
Gestão 2026-2027
Psiquiatra, Psicanalista (SPPA),
professora do Departamento
de Psiquiatria FAMED/UFRGS

INSCRIÇÕES

3º Lote: Válido até 26/07.

Acesse a inscrição [aqui](#).



INTELIGÊNCIAS CONECTADAS: VÍNCULOS E FRONTEIRAS EM SAÚDE MENTAL

Em 30 de novembro de 2022, o lançamento ao público do ChatGPT transformou o sentido do termo inteligência artificial. O que era até então algo ficcional ou restrito a profissionais especializados da tecnologia da informação, tornou-se uma presença quase diária na vida de todos.

Para os profissionais da saúde mental, o advento dessa tecnologia exigiu novas compreensões sobre conceitos tradicionais de subjetividade, desenvolvimento humano, relações interpessoais e prática clínica. Manter a efetividade da prática profissional enquanto lidamos com tantas incertezas exige o fortalecimento das bases do nosso conhecimento, bem como atualização permanente e compartilhamento de experiências com nossos pares. A Jornada CELG 2026 busca contribuir com esses aspectos ao reunir convidados nacionais e internacionais de reconhecida excelência, promovendo

um espaço privilegiado para atualização científica, troca de experiências e fortalecimento da comunidade de saúde mental. Sob o tema “Inteligências Conectadas: Vínculos e Fronteiras em Saúde Mental”, vamos discutir os desafios e as oportunidades que emergem na intersecção entre tecnologia, ciência e cuidado humano.

Mantendo a tradição da Jornada CELG, reuniremos especialistas, pesquisadores e clínicos de diferentes áreas. A programação científica será ampla e interdisciplinar, focada em temas de grande importância clínica e científica, como desafios éticos, legais e clínicos das novas tecnologias; desenvolvimento humano e subjetividade na era digital; adições comportamentais e tecnológicas; ferramentas digitais apoiando a prática clínica; pesquisa e produção de evidências em psiquiatria. Além dos temas diretamente relacionados às tecnologias digitais, a Jornada discutirá as principais novidades na prática

atual da saúde mental, como diagnóstico e tratamento dos transtornos do neurodesenvolvimento; inovações na psicofarmacologia e neuromodulação; uso dos análogos do GLP-1. A reconhecida excelência do CELG em psicoterapia será destaque na Jornada. Ao mesmo tempo, teremos mesas-redondas e cursos de psiquiatria clínica, saúde mental na infância e adolescência, transtornos aditivos e psiquiatria forense. Completando a grade científica, acontecerá o simpósio do Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria e Ciências do Comportamento da UFRGS, apresentando inovações locais e internacionais nos temas das principais linhas de pesquisa do programa.

Esperamos encontrá-los em Garibaldi para mais uma Jornada que promete ampliar horizontes, fortalecer vínculos e inspirar novas formas de pensar e praticar a saúde mental.



MARCO ANTÔNIO CALDIERARO

Psiquiatra do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre e Doutor em Psiquiatria e Ciências do Comportamento pela UFRGS. Pós-Doutorado no Massachusetts General Hospital – Harvard Medical School

A BANALIDADE DO MAL NA ADOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Crescer nos anos 80, sob a influência de uma geração de mulheres que tinha lutado pela liberação feminina, implicava consolidar o sonho da igualdade de direitos entre os sexos. Éramos destinadas a estudar para ter sucesso profissional, ganhar independência e, assim, desfrutar do avanço feminista de nossas mães. No colégio, não permitíamos que os guris nos objetificassem; uma “cantada” machista era respondida com proporcional intensidade, uma mão boba levava um revide feroz.

Felizmente, hoje temos uma legislação que assegura a integridade das mulheres, como a lei da importunação sexual (2018) e a recente criminalização da misoginia. Poderíamos pen-

sar que estamos mais civilizados e que as meninas de hoje se sentem mais seguras do que estávamos naquela época.

Entretanto, esse movimento jurídico apresenta-se justamente como medida de contenção para um aumento dos casos de violência de gênero. Em relação aos adolescentes, observa-se uma crescente e assustadora disseminação de discursos misóginos, especialmente em ambientes digitais. Práticas de humilhação, chantagem, exposição e violência simbólica são compartilhadas muitas vezes como piada ou meme no contexto grupal.

A adolescência é um período sensível e conturbado do desenvolvimento.



Implica reorganizações importantes do corpo, do desejo e da identidade, além de uma dependência acentuada do olhar do outro para a construção do valor próprio. Nessa etapa, o grupo funciona como uma segunda família, ajudando o adolescente no processo de individuação.

Por outro lado, a hiperexposição digital, que foi potencializada na pandemia, vem substituindo o contato físico com os pares - nas brincadeiras da infância ou nas disputas dos esportes - por interações assépticas através das telas. Com frequência, os primeiros flertes acontecem por mensagens, visualizações ou “likes” nas redes sociais. Sem supervisão de conteúdo, a pornografia é apresentada aos meninos ainda antes da puberdade. O mundo virtual parece estar reorganizando a forma como os adolescentes constroem identidade, vínculos e reconhecimento. Menos experiências presenciais e mais mediação algorítmica fazem com que o outro deixe de ser encontrado e passe a ser consumido, desumanizando-o.

Dados recentes sobre a saúde mental dessa população no Brasil ajudam a compreender o cenário. Um levantamento feito em 2024 pelo IBGE indica que cerca de 30% dos jovens se sentem tristes de forma recorrente, com di-

ferenças marcantes entre os gêneros: meninas estão mais expostas à humilhação e à violência sexual, enquanto meninos apresentam maior isolamento social, dificuldade de construir amizades e sentimento de solidão.

De fato, a própria cultura desde sempre restringiu demasiadamente o repertório dos adolescentes do sexo masculino. A eles é permitido gostar de futebol, videogame, determinados estilos de música e jogos. Saindo desta zona, correm o risco de serem taxados de “gay”, “nerd” ou qualquer outra classificação que os colocam como estranhos à norma.

Ao oferecer pertencimento, a chamada “machosfera” encontra cada vez mais seguidores entre os meninos que se percebem excluídos. Nessas comunidades online, a dor psíquica é transformada em ressentimento e ódio, ao passo que a figura feminina passa a ser a causa desta aflição. A misoginia, aqui, pode ser compreendida menos como uma ideologia estruturada e mais como uma formação defensiva diante de sentimentos de inadequação, rejeição e desamparo. Porém, em casos extremos, quando atos violentos são organizados de maneira coletiva, a banalidade do mal toma novos contornos. Incitados pelo grupo e posteriormente alçados a he-

SEM SUPERVISÃO DE CONTEÚDO, A PORNOGRAFIA É APRESENTADA AOS MENINOS AINDA ANTES DA PUBERDADE.

róis dentro dessas organizações, os jovens são capazes de cometer verdadeiras atrocidades.

O excesso de telas seria causa ou sintoma?

Em seu livro “(De)Privação e Delinquência”, Winnicott sugere que comportamentos antissociais nessa faixa etária possam estar associados a falhas precoces no desenvolvimento, causadas pela perda de um ambiente seguro e afetivo em um período inicial da vida. Durante a adolescência, a reatualização do desamparo não elaborado leva o sujeito a cometer infrações para pressionar o ambiente a reconhecer sua existência e, assim, recuperar o cuidado.

Em uma sociedade doente, os adolescentes não estão apenas repetindo na esfera online aquelas importunações dos anos 80. Privados de contato físico e emocional com outro ser humano, eles vão além. Cometem crimes que denunciam a perversão do mundo em que vivemos atualmente. Desesperados, tentam res-

gatar a presença e o olhar que todos perdemos. Desta forma, acabam por forçar o Estado a reestabelecer o que os pais não conseguem mais lhes proporcionar: atenção básica e limites necessários.

Contudo, a delinquência, segundo Winnicott, nasce da esperança de recuperar algo bom que foi perdido. Eles estão nos convocando com urgência a enxergá-los novamente para que possam existir.



FABIANA RITTER

Médica psiquiatra, Psiquiatra da infância e da adolescência, Membro aspirante da SPPA, professora do CELG - CEPOA e CAPIA;

FEMINICÍDIO E ÓDIO ÀS MULHERES



Mulheres convivem com o medo de abusos, presentes na vida de um terço de todas, em várias culturas, tempos e até em seu ciclo vital. Na infância, sofrem violência dos pais; quando adultas, de parceiros íntimos e, na velhice, dos filhos. Não há nenhum lugar seguro para a mulher, em especial a sua própria casa. A *machosfera* atual, tão divulgada e organizada em tese, é bastante conhecida pelas mulheres há séculos, sempre silenciadas por violência psicológica, que é a porta de entrada de todas as outras formas de violência, fazendo com que a mulher vá entrando em um ciclo de terror psicológico até ser encurralada como uma presa. Mulheres temem denunciar e exigir direitos iguais; sentem vergonha e culpa de expor traumas e serem literalmente desmentidas por um pacto social que perpetua o mesmo padrão. Os profissionais da saúde, nós, *psis*, também participamos desse conluio. Temos medo.

No extinto Instituto Psiquiátrico Forense, entrei em contato direto com a violência contra a mulher. Os inimputáveis, na sua maioria homens, eram responsáveis por crimes contra a vida das próprias mães ou companheiras. Em 2002, por uma coincidência o ano que a OEA condenou o Brasil a favor da lendária Maria da

Penha, reunimos um grupo multiprofissional em um ciclo de avanços da APRS para estudar a importância da doença mental como propiciadora de violência doméstica. Nosso trabalho, publicado em 2003, concluiu que a doença mental colaborava muito pouco quando o assunto era violência doméstica. Agressores de mulheres não exibiam um perfil muito definido, ao contrário dos poucos inimputáveis portadores de psicoses graves. Expressões como *a ponta do iceberg* e *muro de silêncio* passaram a ecoar. Aliás, silêncio era a palavra-chave. A “loucura” deixou de ser a responsável pela violência. A onda de ódio às diferenças em geral mudou a percepção social do perigo. Estruturas de funcionamento compatíveis com transtornos de personalidade, como antissociais, borderline ou narcisistas, apareciam com mais frequência.

A pandemia e os anos de isolamento trancaram agressores dentro de casa com uma oferta generosa de vítimas vulneráveis, mulheres em geral, sem falar das crianças. A enchente de 2024 fez o oposto: tirou todos de casa, expondo situações de violência, e depois, nos abrigos, transbordaram os frágeis diques do problema social. São números assustadores de

denúncias, medidas protetivas e prisões, mas nada contém o agressor gaúcho. Chegamos ao abominável número recorde de 2026, 28 feminicídios até o momento, não computadas as tentativas e outras mortes sem correlação comprovada, além de vítimas cada vez mais jovens e com agravantes cruéis, como gravidez e homicídio vicário.

A sociedade nos pergunta, com razão, o que está acontecendo. Estamos inseridos em fenômenos sociais, com debates ideológicos e políticos que tratam de patologias sociais. O vocabulário misógino virou assunto diário. Como podemos ajudar quando o assunto é o ódio às mulheres? Acredito que Virgínia Ungar tem razão quando propõe que nosso referencial dinâmico parece estar cada dia mais necessário.

A violência vem travestida de bem; “a fera e o príncipe” são o duplo incorporado pelo agressor que manipula a “bela” vítima, pois só o seu amor e dedicação exclusiva vão garantir que o príncipe prometido a escolha e proteja. Há um ciclo de sedução, “lua de mel” e ataque. A pulsão de morte age de maneira insidiosa, desinvestindo a vida da vítima e libidizando a destrutividade do agressor que exerce com prazer o domínio sobre ela. A violência envol-

ve formas gradualmente agressivas e cruéis de violência psicológica e moral, além do *stalking*, do abuso financeiro e das agressões sexuais e físicas, com múltiplos socos, golpes de faca, chutes, tiros e esganaduras até a morte.

A visão feminina da mulher na cultura é muito dissociada. Ela é a bruxa má, ardilosa e invejosa; a Eva, a serpente e o pecado original; as Marias, símbolo de amor incondicional, mães bondosas e castas; as Amélias, que não tem vaidade; as Genis, prostitutas e a sua relação hipócrita com a sexualidade feminina. Sim, temos também Artemis, guerreiras e Helena de Troia que, por ser a mulher mais bonita do mundo, é raptada e afastada de sua filha. Difícil lidar com tamanha complexidade e admitir que as mulheres possuem mundos internos próprios e autônomos.

A mente e o vínculo materno são a base da sobrevivência civilizatória, assim como o leite e todos os cuidados básicos. Se já não bastasse essa mente misteriosa e bela que encanta o bebê, como descreve Meltzer, as mulheres ainda são, potencialmente, donas de corpos muito desejados, cheios de orifícios úmidos, quentes e assustadores, contando com os colos mais reconfortantes e calmantes, úteros ca-

pazes de gestar e parir bebês, amamentando-os com leite cuja composição e temperatura perfeita são produzidas pelos próprios corpos e oferecidas por meio de seios fartos, além de uma certa competência inata para decifrar e traduzir mentes infantis e criar seres humanos com empatia e devoção. Esse mesmo corpo cheio de curvas aconchega e atende necessidades sexuais das mais variadas formas, ou seja, é um continente sofisticado disponível para os mais diversos conteúdos, aparentemente disposto de forma ininterrupta ao gozo do outro, mas negado para ela própria.

Esse lugar/objeto/receptáculo de desejos, frustrações e idealizações, geralmente é coadjuvante, adjetivo ou objeto sem sujeito, dependendo da necessidade do poder masculino ou de uma sociedade que desobjetaliza a mulher, usando as ideias de Green. O pensar feminino até hoje não é bem recebido, principalmente em ambientes de poder público. “O” feminino é, aparentemente, o negativo do masculino. Acontece que os avanços das conquistas femininas revelaram na esfera pública esse espaço subjetivo, de ser e não só de servir. A reação foi violenta. Então, como afirma a ministra Carmem Lúcia, “os homens resolveram nos matar,

mas nós decidimos viver”. As mulheres resolveram se unir e falar a palavra mais temida por todos, inclusive por elas mesmas: não.

Freud, com a teoria psicanalítica, foi fundamental na busca pela subjetivação das mulheres, preocupado com as *histéricas*. A validação da psicosexualidade humana, com a descoberta de um inconsciente presente em todos, tirando da mente consciente – masculina – a hegemonia, foi uma nova serpente que nos expulsou do paraíso. A mulher foi autorizada a ter uma mente própria, pessoal, intransferível e intransponível pelo exterior, tornando-se digna de escolher o que fazer com seu corpo, com seus orifícios e com suas ideias. No entanto, a lógica psíquica de continente/passividade/ma-

A VISÃO FEMININA DA MULHER NA CULTURA É MUITO DISSOCIADA. ELA É A BRUXA MÁ, ARDILOSA E INVEJOSA; A EVA, A SERPENTE E O PECADO ORIGINAL;

MÃE É A PRIMEIRA E ÚLTIMA PALAVRA QUE IREMOS PRONUNCIAR. A LÓGICA PERVERSA MATA A VIDA E IDEALIZA O MAL.

soquismo criou um certo factoide de submissão como vocação feminina. Um conceito estruturante, subjetivo e complexo, mas também defensivo, que passou a ser usado de forma literal ou fora de contexto e incompleto, assim como outros conceitos, como falo e castração, organizadora da condição humana, a inescapável incompletude humana, a falta, o ser preterido, em que a menina, embora “ressentida”, estaria mais preparada para sublimar tal ressentimento com os bebês no futuro. O menino viveria sempre uma certa posse pelo corpo da mãe, negando-se a renunciar a ele, mas também manifestando o temor ao incesto.

A propósito disso, Green fala que o grande mecanismo da psique é a substituição. Substituir exige luto e renúncia. A idealização atual da supremacia fálica, ameaçada, negando-se a substituir ou simbolizar, regredida a um narcisismo muito primitivo e impossibilitada de abrir mão do controle, revela a incapacidade de lidar com a fragilidade humana, uma conduta autodestrutiva com o objeto de amor, desejo e sobrevivência, mostrando frágeis e ameaçadoras imagos masculinas e, agora sim, um ressentimento pela perda da mãe indiscriminada no seu narcisismo primitivo. Ressurge um funcionamento esquizoparanóide, tratando a mãe como um seio mau kleiniano e regredindo a uma lógica taliônica primitiva e punitiva do olho por *olho*, *dente por dente*, passível de descarga no ato.

Matar a “mãe” era um tabu antes atuado por doentes mentais, hoje é pelo “homem de bem”. Mãe é a primeira e última palavra que iremos pronunciar. A lógica perversa mata a vida e idealiza o mal.

A fantasia feminina de manter esse enlace libidinal oceânico e a culpa por ter que interditar para respeitar sua individualidade e discriminar-se engrossa um jogo de identifica-

ções projetivas responsável por criar um caldo de cultura da morte anunciada. Marchiori fala nas três gerações afetadas por esses crimes, nas fraturas familiares e sociais em que parte se identifica com a vítima e parte se identifica com o agressor, mas sem resignificar o trauma. Freud é pessimista sobre a destrutividade humana e sobre o conflito das pulsões de vida e morte, mas humildemente assumiu suas limitações em relação às mulheres. A capacidade simbólica representada pelas mulheres e pelos homens com bons objetos femininos como elos, pontes, laços, espaços acolhedores, esses seres cuja resiliência é tamanha que até elas próprias duvidam, serve para nos unir como civilização, porque nós, mulheres, viemos para ficar.



VIVIAN DAY

Médica Psiquiatra pela UFRGS, membro graduado pela SPPA, Especialista em Psiquiatria Forense pela ABP, supervisora pericial aposentada do Instituto Psiquiátrico Forense “Maurício Cardoso”, supervisora e coordenadora do curso de formação em psicoterapia do CELG/HCPA.

Referências:

1. DAY, V et al, Violência doméstica e suas diferentes manifestações. R.Psiquiatr.RS, 25(suplemento 1) 9-21, abril 2003
2. FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
3. A dissolução do complexo de Édipo (1924). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
4. GREEN, A. Conferências brasileiras de André Green, metapsicologia dos limites. Rio de Janeiro, Imago, 1990
5. MELTZER, D. (1988). A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte. Rio de Janeiro: Imago.
6. MARCHIORI, H. Victimologia homicídios em el grupo familiar. In: la vitima del delito, Lerner, Córdoba, 1990.



VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: PRECISAMOS FALAR SOBRE ISSO!

O aumento da violência contra as mulheres é um assunto que preocupa a todos. No Rio Grande do Sul, são mais de 200 mulheres mortas a cada ano em razão da violência de gênero. Enquanto a média mundial de mulheres assassinadas por parceiros ou familiares é de aproximadamente 1,0 por 100 mil habitantes, o RS registrou, só em 2025, a taxa de 1,4 — acima da média global. Para refletir um pouco mais sobre o tema e tentar entender alguns aspectos dessa escalada de violência, o Jornal do Centro de Estudos Luís Guedes (CELG) conversou com Raquel Marchiori Dias, promotora de Justiça da Promotoria de Justiça Especializada no Combate à Violência Doméstica e Familiar de Canoas, na região Metropolitana.

Em um segundo momento, a promotora elaborou perguntas sobre as questões psicológicas desse comportamento, as quais foram encaminhadas à psicanalista Carmem Emília Keidann, psiquiatra, professora e supervisora do Curso de Formação em Psicoterapia do CELG e membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Leia a seguir o pensamento das duas profissionais que lidam com a realidade da violência contra a Mulher.



PARTE I – JORNAL DO CELG CONVERSA COM A PROMOTORA RAQUEL MARCHIORI

Jornal do CELG: Qual o papel do Ministério Público no enfrentamento da violência doméstica? Poderia nos fazer um resumo de como as vítimas chegam, qual o fluxo na rede? Existe influência de outros órgãos do poder público, como conselhos tutelares, agentes de saúde? A mulher pode chegar diretamente na promotoria?

Raquel Marchiori: O Ministério Público atua junto com a rede de proteção da mulher em cada município do Estado. As vítimas podem procurar diretamente o Ministério Público nas promotorias de justiça de cada município. Os agentes de saúde, especialmente os CAPS e pronto atendimentos, assim como os hospitais, tem o dever de reportar às autoridades qualquer situação de violência.

JC: Pela sua experiência, a violência doméstica aumentou ou agora tem se podido falar mais disso?

RM: A violência doméstica e familiar sempre existiu dentro da nossa sociedade, mas, nos tempos atuais, especialmente em razão

das campanhas de conscientização e maior informação, as vítimas estão tendo mais coragem e meios para denunciar as violências por elas sofridas.

JC: Qual a proporção de casos que fazem a denúncia e depois desistem de levar adiante o processo? Quantas das mulheres que denunciam levam adiante?

RM: Não temos essa estatística, mas é muito frequente as vítimas desistirem no curso do processo. Como o processo é de titularidade do Ministério Público, elas não podem simplesmente “tirar” o processo, mas não comparecem às audiências judiciais ou, caso compareçam, relatam que os fatos não ocorreram conforme constou, o que leva à absolvição por falta de provas.

JC: Vocês identificam fatores que contribuem para que mulheres levem ou não adiante as denúncias? Neste caso, irem acompanhadas de familiares, terem renda própria, já estarem separadas do agressor violento, ser um primeiro episódio ou múltiplas ocorrências, gravidade da agressão...

RM: Acredito que o principal fator ainda é

a dependência econômica e social da vítima com o agressor.

JC: Quais justificativas aparecem para a interrupção dos processos?

RM: As justificativas são as mais diversas, como que quem começou as agressões foi a própria vítima, que a vítima só queria tirar o companheiro/marido de casa e não sabia que ia chegar nesse ponto, que os fatos não ocorreram daquela forma, que a vítima estava nervosa.

JC: Na sua experiência, por que alguns casos têm desfecho trágico, como a morte? Onde estão as falhas na cadeia de proteção?

RM: O feminicídio representa a face mais extrema da violência contra a mulher e, ao mesmo tempo, é a maior falha coletiva do sistema de proteção. Ele não surge de forma repentina; é o ponto final de uma sucessão de agressões que poderiam ter sido interrompidas se os sinais fossem reconhecidos. O enfrentamento exige que o sistema de justiça criminal amplie sua atuação para além da responsabilização penal posterior. É essencial que se identifique situações que apresentem risco letal, aplican-

O FEMINICÍDIO REPRESENTA A FACE MAIS EXTREMA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E, AO MESMO TEMPO, É A MAIOR FALHA COLETIVA DO SISTEMA DE PROTEÇÃO. ELE NÃO SURGE DE FORMA REPENTINA; É O PONTO FINAL DE UMA SUCESSÃO DE AGRESSÕES QUE PODERIAM TER SIDO INTERROMPIDAS SE OS SINAIS FOSSEM RECONHECIDOS.

do instrumentos objetivos de avaliação e adotando medidas protetivas capazes de garantir a segurança das mulheres.

JC: Que dificuldades você enxerga para a equipe de trabalho da promotoria? Vocês recebem alguma qualificação adicional para trabalhar com casos de violência doméstica ou algum tipo de apoio psicológico institucional? Como a equipe lida com isso? Há um limite?

RM: As dificuldades são de diversas áreas: número reduzido de pessoas trabalhando para um número muito grande de processos envolvendo o tema e a falta de uniformização da forma de atuação da rede de proteção como um todo, pois cada município acaba tendo sua rede, estruturada conforme sua capacidade/necessidade, com os agentes atuando conforme a demanda e não de acordo com algum protocolo já preestabelecido.

O Ministério Público investe em capacitação na área, com a realização de cursos e seminários a respeito do tema. Não existe apoio psicológico institucional, o que seria muito importante, não só na área da violência doméstica e familiar.

Para lidarmos com as situações difíceis (e são muitas), acabamos trocando experiências entre colegas, o que acaba enriquecendo nossa forma de atuação na prevenção dos crimes.

PARTE II – PROMOTORA RAQUEL MARCHIORI CONVERSA COM A PSICANALISTA CARMEM KEIDANN

Nesta segunda parte da conversa, agora é a vez da promotora encaminhar suas dúvidas à psicanalista sobre questões psicológicas que envolvem o comportamento de mulheres vítimas de agressões.

Raquel Marchiori: Por que muitas mulheres têm dificuldade em perceber os primeiros sinais de violência em um relacionamento, muitas vezes minimizando ou não reconhecendo esses comportamentos como agressivos?

Carmem Keidann: Volto o olhar para o relacionamento entre duas pessoas que formaram um casal, agora desfeito tragicamente. Por se tratar de um tema complexo e sensível,

levantamos hipóteses. Temos um homem, agora em foco, como assassino de uma mulher, e, não poucas vezes, suicidando-se depois de também matar os filhos do casal. Se nos propomos a olhar para essa relação, podemos imaginar que, inicialmente, houve um encontro amoroso ou sexual, que pode ter gerado filhos (não necessariamente planejados ou desejados). Pensamos que, em algum momento dessa união, emergiram com intensidade aspectos contraditórios de ódio, ciúmes ou rivalidades, os quais culminaram na execução de um ato agressivo de tal envergadura. O que se passou entre essa mulher e o seu companheiro durante sua convivência, que ficou submerso, sem condições de ser pensado ou evitado? Será que tal atrocidade pode ter sido anunciada por sinais prévios, tais como abusos ou pequenas agressões físicas, patrimoniais, impedimentos de contatos com familiares ou amigos, proibição ao exercício de trabalho remunerado além do lar, menosprezo pelas iniciativas ou posicionamentos femininos, direitos mínimos violados? Que tipos de crenças ou fantasias teria tido essa mulher para não perceber ou negar as reiteradas condutas agressivas ou de domínio do homem em

relação a ela? Será que se sentia responsável e provocadora de tais condutas? Ou atribuía ao homem uma superioridade ou sabia que delatava seus sentimentos de inferioridade? Então, sentindo-se responsável pelos desencontros do casal, tentaria agradar ao companheiro se submetendo? Uma confiança patológica numa equação de “ódio disfarçado em amor”? Como pode haver amor sem consideração de sua singularidade e liberdade pelo outro? Que fantasia essa mulher poderia ter para atribuir tanto poder a esse homem, como se fosse um pai todo poderoso? Estaria ela buscando um deus, um ideal da infância, por ter sofrido uma história de abandono por parte de seus pais, que a teriam levado a um sentimento de desvalia e insegurança?

RM: O que explica, do ponto de vista emocional e psicológico, o fato de algumas mulheres retornarem a relações com parceiros agressivos, mesmo após episódios graves e repetidos de violência?

CK: Considero que pode existir uma crença onipotente de que, dessa vez, será diferente e que o amor vencerá. Ao mesmo tempo, um sentimento de fracasso e de vergonha por se

observar fraca, sem condições de modificar o seu parceiro, passando a acusar a si mesma, ficando cada vez mais vulnerável. O enfraquecimento ou até afastamento da rede de amigos ou familiares deixa essa mulher muito sozinha e geralmente responsável pelos filhos pequenos. Nessa condição, ela não tem a quem recorrer. Lamentavelmente, os serviços de saúde ou de assistência social são deficitários e de difícil acesso, e a tragédia se anuncia.

RM: Quais são os principais impactos emocionais para crianças que crescem em ambientes de violência doméstica e como isso pode afetar suas relações e desenvolvimento ao longo da vida? Qual o impacto social disso?

CK: O impacto sobre a prole é nefasto. O ambiente, que deveria ser estruturante para essas vidas infantis ou adolescentes, é inseguro e doentio. Ao pensar na famosa expressão de Winnicott sobre “a mãe suficientemente boa”, nos deparamos com uma quebra total de base. Restam escombros ou vestígios que tornam quase impossível uma reconstrução. Alguns dos filhos que possuam uma condição excepcional de resiliência poderão viver

uma reabilitação emocional, sobrevivendo e levando uma vida razoavelmente feliz, apesar do luto pela vivência dessa realidade familiar avassaladora. Contudo, creio que não podemos ficar imersos no pessimismo. Se estamos falando desse assunto, é com o propósito de prevenção e de proteção das mulheres, crianças e, inclusive, de um olhar também a esses homens desamparados e desesperados, talvez doentes, que não encontram outras saídas que não a violência extrema. Reflitamos sobre as vivências desse homem quando entra um terceiro na relação: um filho. Ele participou da concepção, mas se torna secundário durante a gestação e nos primeiros tempos de vida do bebê. Além disso, com a maternidade, a mulher passa a ser equacionada à figura materna desse homem, podendo emergir dentro dele lembranças e talvez frustrações ligadas à história de sua própria relação insatisfatória com a mãe. O psicanalista Jacques André escreveu um livro, recentemente traduzido para o português, chamado *A sexualidade masculina*. O homem, aderido à ideia de dominação, estabelece muitas vezes uma relação de poder, submetendo a mulher. Lembra-nos que, no reino animal, entre os primatas, há violên-

cia e dominação, mas machos não matam a fêmea, apenas nos humanos que isto acontece. Segundo esse autor, o ódio masculino às mulheres atravessa toda a história da humanidade, uma vez que existe uma profunda ambivalência com relação à figura materna, por ter sido seu primeiro amor, mas também sua grande frustração – a mãe ama o filho, mas escolhe o pai como parceiro. André destaca que, ao longo dos tempos, a sexualidade masculina

na perdeu em triunfo e dominação, e ganhou em incertezas e questionamentos! Estamos aqui falando de aspectos inconscientes, ou seja, que envolvem o inaceitável, o indesejável, a parte selvagem no âmago de cada um de nós; um corpo estranho, mas também familiar, que comanda, à nossa revelia, muitas de nossas escolhas, principalmente as amorosas e sexuais. Refletir é um modo de nos aproximarmos da complexidade desse tema.



RAQUEL MARCHIORI

Promotora de justiça na promotoria de justiça de combate à violência doméstica de Canoas desde janeiro de 2025



CARMEN EMÍLIA KEIDANN

Psicanalista, membro Associado da SPPA Psiquiatra, professora e supervisora do Curso de de Formação em Psicoterapia do CELG (Centro de Estudos Luís Guedes)

THE RESEMBLANCE

Parecia ter em frente um desafio difícil, pelo menos para mim, uma pessoa que ama narrativas, quer se apresentem em forma de livros, filmes, nas histórias da vida cotidiana ou nas que temos acesso na sala de análise.

Busquei então, em minha mente, quais filmes tinham me impactado fortemente e que mereceriam escrever e compartilhar com os leitores do Jornal do Celg. Depois de algum tempo, lembrei-me de “The resemblance” e de minha reação após assisti-lo. Indiquei para pessoas próximas, o que somente faço quando estou muito tocada por algo. Revi o filme.

Trata-se de um curta metragem de 15 minutos (12 sem os créditos), escrito e dirigido por Derek Nguyen, cineasta americano-vietnamita, apresentado no festival de Tribeca em 2022, que assisti na Netflix.

O filme inicia com a imagem de um homem de costas, olhando para um jardim; a câmera o circunda e vemos seu rosto com um olhar vazio. Ouve-se uma voz feminina perguntando há quanto tempo o viram pela última vez. A voz de outra mulher responde: há dois anos.

A câmera percorre parte da casa, exibindo vários porta-retratos com fotos de um jovem em diferentes idades. Em seu percurso, a câmera se detém em uma mulher visivelmente triste; ela faz um movimento de reverência diante de uma fotografia, cercada por velas, desse mesmo jovem. Escuta-se ao longe ela dizendo: tenho sonhado com ele.

Na cena seguinte, um casal conversa com a mulher cuja voz ouvimos no início. O homem pergunta se tem garantia de reembolso, ao que ela responde que, em 15 anos, seus clientes têm ficado muito satisfeitos. Quando ele questiona se irá dar certo, afirma que, para funcionar, é preciso acreditar. Esclarece que, na maioria das vezes, é para fins de cura e que, às vezes, é um ensaio para uma interação real. Disse ainda que procurariam um ator o mais semelhante possível com o filho. Por fim, entrega à mãe um questionário para ser respondido de modo mais completo possível.

Vou construindo uma história: existe um casal que perdeu o filho há dois anos, e temos um luto e uma busca de ajuda para sua elaboração.



ESSE FILME ME REPORTOU AO NOSSO TRABALHO CLÍNICO. AO RECEBER O PACIENTE, VAMOS NOS APROXIMANDO DE SUA HISTÓRIA AOS POUCOS, ATRAVÉS DA COMUNICAÇÃO VERBAL, ASSIM COMO A NÃO VERBAL, VENDENDO E REVENDO O FILME DE SUA VIDA.



Na cena seguinte, o casal está se preparando para receber “o filho”. A câmera passeia pelo ambiente e vemos tudo muito organizado, talvez demasiadamente arrumado, com mais fotos do filho, o que me transmitiu uma frieza afetiva. A mãe questiona o pai sobre sua roupa; ele responde que assim estaria no aniversário do filho. Ela comenta ser essa uma ocasião especial. Quando “o filho” chega, ela diz ao marido: mantenha a ilusão.

A chegada do jovem na casa é perturbadora: parece ser idêntico ao filho. O pai vai até uma foto para conferir.

Sentam-se para jantar. Poucas palavras, silêncios. O pai observa que o jovem segura os hashis da mesma maneira que o filho. Então, abruptamente pergunta por que ele não respondeu às ligações da mãe. Disse que nem sabem o

dia certo de sua morte, sendo que, para a mãe, todo dia é aquele dia, o dia em que foram avisados de sua morte. Nesse momento, mesmo sabendo que era um ator, vê nele o filho. O clima vai ficando tenso, e a mãe sai da mesa, sendo acompanhada pelo marido. No quarto do casal, o homem pergunta se quer que peça para ele ir embora, mas ela responde que não, outra vez não. Esse é o ritmo do filme, vamos construindo a história do que ocorreu aos poucos, através das poucas palavras ditas e muito pelos gestos, pelos olhares, pela atmosfera. A delicadeza do filme está nos seus detalhes, como a caixa de música com uma bailarina, o quarto mantido como se o filho estivesse vivo, as sapatilhas de balé penduradas em um canto e tantos outros detalhes, os quais fui percebendo aos poucos nas tantas vezes em que revi esse filme.

O que se segue são diálogos de poucas e significativas palavras que falam de desencontros, do que foi dito e não dito, do que levou esse jovem a sair de casa e, por fim, cometer suicídio. A presença deste “filho” propicia um ambiente para se aproximar do trauma mantido vivo e, até então, sem elaboração.

Esse filme me reportou ao nosso trabalho clínico. Ao receber o paciente, vamos nos apro-

ximando de sua história aos poucos, através da comunicação verbal, assim como a não verbal, vendo e revendo o filme de sua vida. Nesse processo, entrando em contato com detalhes que nos passaram despercebidos, o que estava em estado bruto, sem palavras, sem representação. Aqui acredito que possamos lembrar do conceito de André Green sobre a contratransferência imaginativa, o uso de nossa mente para representar o que ainda não tem palavras.

O final do filme, e lembro que tudo se passa em 12 minutos, é tocante demais. Na porta, o diálogo da despedida é carregado de afeto: tchau, mãe, pai, tchau filho, amamos você, também amo vocês. Os pais, diferentemente do início do filme, estão abraçados, com uma expressão de tranquilidade, e, eu ousaria dizer, em paz consigo mesmos.



NEUSA KNIJNIK LUCION

Médica psiquiatra, psicoterapeuta, psicanalista, membro efetivo da SPPA, professora e supervisora do CEPOA 3.0

ALL HER FAULT

All her fault transforma o pesadelo mais profundo de qualquer mãe em um suspense impecável.

O ponto de partida: a mãe vai buscar o filho e ele simplesmente não está no lugar esperado. A reação é uma ansiedade imediata diante da identificação com um medo real e universal de toda a mãe. Os oito episódios são um turbilhão, indo do caso de um sequestro até os segredos obscuros de uma família americana rica.

Criada por Megan Gallanger, é baseada no romance de mesmo nome da série de Andrea Mara. A trama se passa em Chicago.

Com uma atuação visceral de Sarah Snook, a série força o espectador a questionar as estruturas silenciosas que condenam as mulheres antes mesmo do veredito final.

O thriller policial faz com que o público se torne parte ativa da investigação ao tentar adivinhar os culpados. A partir daí, ocorre uma série de reviravoltas que grudam o es-

pectador na tela. O verdadeiro mistério não é “quem levou a criança”, mas porque a culpa sempre recai sobre ela (no caso, a mãe), como aponta muito bem o título da série.

O ponto central da narrativa é como os conflitos são minimizados, as realidades distorcidas e a percepção da mulher colocada em dúvida, inclusive por ela mesma. São mecanismos psicológicos e sociais comuns ao universo de quem trabalha com a violência psicológica praticada contra mulheres, cujo desfecho mais fatal é o feminicídio.

Sem ser nada panfletária, dotada de um ritmo intenso, a série aborda as feridas abertas da culpa materna, da dupla jornada e das desigualdades de gênero. É uma crítica social sutil. Expõe como a responsabilidade pela criação dos filhos recai sobre as mulheres. A maternidade é atravessada por uma exigência de perfeição em que qualquer falha (real ou imaginada) vira culpa moral.

O PONTO CENTRAL DA NARRATIVA É COMO OS CONFLITOS SÃO MINIMIZADOS, AS REALIDADES DISTORCIDAS E A PERCEPÇÃO DA MULHER COLOCADA EM DÚVIDA, INCLUSIVE POR ELA MESMA.





ALL HER FAULT É UM THRILLER QUE MACHUCA PORQUE É REAL.

A série trabalha ainda a responsabilização subjetiva da vítima. A protagonista passa a ser julgada pela mídia, pela família e por si mesma, mesmo sem evidências claras. Seguindo o paralelo com a violência à mulher, a série também mostra o aumento progressivo de tensão, a deterioração das relações e a sensação de ameaça crescente, espelhando o ciclo da violência: (1) tensão, (2) agressão, (3) reconciliação e (4) nova escalada.

All her fault aborda experiências emocionais não pensadas, distorções da verdade e

falhas na capacidade de simbolização. Emoções intensas, como culpa, medo e angústia, não são elaboradas, sendo evacuadas na forma de acusações, confusões e distorções. Os personagens que não conseguem pensar o que sentem passam a agir ou projetar. A culpa circula sem elaboração entre os personagens. Ninguém consegue sustentá-la internamente.

All her fault é um thriller que machuca porque é real.



ANA PAULA MEZACAZA FILIPPON

Médica Psiquiatra - HCPA/UFRGS

Especialista em Psicoterapia de Orientação

Analítica - CELG/HCPA. Mestre em Psiquiatria

- UFRGS - Membro associado da SPPA



CONVERSA INFINITA

Sempre tive um apreço especial por entrevistas e, assim que esse livro caiu em minhas mãos, não pude me conter: comecei a leitura imediatamente. Foi um prazer desde a primeira folheada. O livro *Conversa Infinita* (Quina Editora), do psicanalista argentino Mariano Horenstein, faz parte de um projeto iniciado pelo autor em 2015 no qual ele entrevista figuras de destaque da cultura contemporânea, como escritores, filósofos, arquitetos, cantores e cineastas, examinando a relação dessas personalidades com a psicanálise. O autor dialoga com personalidades que vão desde Caetano Veloso e Marina Abramovic a David Cronenberg, Julia Kristeva, Jorge Drexler, Paul Auster, entre tantos outros. Contudo, aí podemos nos perguntar: o que há em comum e o que aproxima entrevistados tão variados? É que,

em algum momento de suas vidas, seja pela experiência pessoal de um tratamento psicanalítico, seja pela presença de referenciais psicanalíticos em seus trabalhos, todos estabeleceram algum tipo de interlocução com a psicanálise. O autor foi ao encontro dos entrevistados em suas próprias casas, nas quais moravam ou trabalhavam, e conversaram em diferentes idiomas e em inúmeros países. Essas entrevistas poderiam acontecer também em bares e restaurantes, em museus, ateliês ou escritórios, em editoras ou hotéis. Em geral, espaços onde os convidados vivem, sonham, criam ou trabalham – ambientes nos quais a rotina pública se desfaz e em que cada interlocutor pode surgir despojado dos seus adornos e disfarces circunstanciais.

Reunidas nesse belo livro, as entrevistas, ou melhor, as conversas infinitas revelam uma face menos protocolar e mais íntima desses autores. São encontros singulares, inusitados,

afastados do tom meramente jornalístico de uma entrevista convencional. Mariano Horenstein comenta que cada um dos entrevistados aparece de forma íntima, deixando cair suas roupagens, mostrando por trás da couraça da figura pública um lugar com o qual cada um de nós pode se identificar. Aquele momento em que a fama não é páreo para as dificuldades impostas pela vida. “Aquele instante em que, como dizem as letras das canções de Caetano Veloso: “de perto ninguém é normal”, em Vaca Profana, e “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”, em Dom de iludir.

Em alguns casos, os encontros não se resumiram a meras entrevistas convencionais, mas foram verdadeiras conversas, quase sessões psicanalíticas, momentos genuínos e de profundo contato emocional com pessoas que ele tanto admirava. O próprio autor admitiu que, durante esses encontros, buscou, com maior ou menor êxito, algo da magia que por vezes pode acontecer em uma sessão psicanalítica. Algumas vezes isso se deu, outras não. No entanto, é suficiente que aconteça em algumas ocasiões para saber o quanto vale a pena. Os verdadeiros encontros carregam algo de imprevisibilidade: podem acontecer ou não e,

mesmo quando duas pessoas se encontram fisicamente e compartilham o mesmo espaço, nada assegura que dali surja uma experiência significativa capaz de deixar vestígios na memória.

Dentro dessa perspectiva, uma entrevista ocorrida em um clima de conexão e intimidade, e que poderíamos chamar de um verdadeiro encontro, foi feita com o cantor e compositor uruguaio Jorge Drexler, radicado na Espanha. Referida conversa ocorreu em um dia de outono em Madri, um dia após o músico ter recebido diversos prêmios, enquanto uma fila de jornalistas aguardava ansiosamente para entrevistá-lo. Mariano foi avisado que, em função dessas circunstâncias, teria menos tempo do que inicialmente tinha previsto para o encontro. Em um dado momento da entrevista, Drexler estava falando sobre a sua trajetória de vida, sua formação médica e os dez anos “perdidos na medicina”, mas acrescentou que também “os erros foram importantíssimos para a formação de sua identidade”, de como às vezes “só se acerta errando”. Sem maiores pretensões ou furores interpretativos, Horenstein pergunta por que Drexler tinha utilizado a palavra errar no sentido de falhar. Assinala que

a palavra “errar” tem relação com equívoco, mas também tem relação com a questão da errância de um certo caráter estrangeiro constitutivo, o que tem muita conexão com a história do compositor uruguaio. Para a surpresa do entrevistador, Drexler ficou de repente em silêncio e visivelmente comovido. Ele continua e comenta que “às vezes só ao errar se acerta no alvo” e que “errante” seria um bom nome para um disco. Em seguida, afirma: “Vou ter que lhe pagar a sessão”, e ambos riem. O entrevistado “errante” cancelou as outras entrevistas e conversaram por muito mais tempo.



LUCIANO ISOLAN

Psiquiatra (HCPA/UFRGS) e Psiquiatra da Infância e Adolescência (HCPA/UFRGS). Mestre e Doutor em Psiquiatria e Ciências do Comportamento (UFRGS). Membro Graduado da SPPA. Professor e supervisor do CEPOA/CELG.



CURSOS 2027

INSCRIÇÕES EM OUTUBRO DE 2026

Curso de Atualização em Psicoterapia da Infância e Adolescência - CAPIA Turma 2027/2028

Promovido pelo CELG desde 1990, o curso forma e atualiza profissionais em psicodinâmica da infância e adolescência, com estrutura consolidada de módulos teórico-clínicos e supervisões individuais e coletivas. A turma abre a cada dois anos.

Duração: 2 anos – de março de 2027 a dezembro de 2028

Formato: online ao vivo

Frequência: Semanal, terças-feiras, das 19h30 às 22h30

Coordenação: Ana Margareth Siqueira Bassols | Suzana Fortes | Liliana Soibelman



Curso de Formação em Psicoterapia de Orientação Analítica - CEPOA 3.0 Turma 2027/2029

Com mais de quatro décadas de tradição, o curso oferece uma formação sólida em teoria psicanalítica e técnica psicoterápica, combinando seminários, supervisões individuais e coletivas, colóquios e produção de trabalho final.

Duração: 3 anos – de março de 2027 a dezembro de 2029

Formato: online ao vivo e presencial em Porto Alegre

Frequência: Semanal, segundas-feiras, das 19h às 22h35

Coordenação: Jussara Dal Zot | Vivian Day | Fabio Brodacz | Luciano Isolan



CURSOS 2027

INSCRIÇÕES EM OUTUBRO DE 2026

Curso de Teoria e Técnica da Supervisão em Psicoterapia de Orientação Analítica - SUPERVISÃO Turma 2027

O curso qualifica profissionais que atuam ou desejam atuar como supervisores, abordando o estabelecimento da aliança de trabalho e do enquadre supervísório, os aspectos cognitivo-afetivos e éticos envolvidos, além dos modelos, fases e desafios do processo de supervisão.

Duração: 9 meses – de março a dezembro de 2027

Frequência: Quinzenal, quartas-feiras, das 20h às 22h

Coordenação: Cláudio Laks Eizirik | Patrícia Fabricio Lago



Formação em Terapia Cognitivo Comportamental - TCC Turma 2027

O curso forma profissionais para o tratamento de transtorno psiquiátricos como depressão, ansiedade, TOC e TEPT, com aulas teórico-práticas em pequenos grupos e supervisão de casos clínicos.

Duração: 9 meses – de março a dezembro de 2027

Formato: Online ao vivo

Frequência: Módulo teórico: semanal, quintas-feiras, das 19h às 21h

Módulo prático (opcional): quinzenal, em pequenos grupos.

Coordenação: Carolina Blaya Dreher | Dayane Santos Martins | Paula Blaya Rocha

